

Abstract: *O autor se propõe a aprofundar o sentido da Eucaristia, especialmente a partir da perícopa eucarística do quarto evangelho. Na primeira parte do artigo, oferece uma síntese da exegese de Jo 6,51-58 elaborada por Cornélio A Lápide, notável jesuíta do século XVII, como notável testemunho do esforço de referendar, com as contribuições da Patrística, as preocupações e os detalhes da teologia escolástica. Na segunda parte, depois de situar, no contexto do evangelho joanino, a perícopa mencionada, o autor aborda algumas questões: 1) focaliza o sentido das expressões comer da carne, beber do sangue; 2) discute se se trata, na Eucaristia, de uma ceia fraterna e/ou de uma ceia ritual; 3) discute igualmente a relação entre Eucaristia e Lava-pés; 4) chama a atenção para o denso significado da fórmula institucional sobre o cálice. Como conclusão, lembra que a Eucaristia, celebrando quotidianamente a memória do Senhor, contribui de modo decisivo para afirmar a nossa identidade.*

The author delves into the meaning of the Eucharist focusing to the Eucharistic pericope of the Forth Gospel. The first part of the article provides a synthesis of the exegesis of Jn 6:51-18 as has been analyzed by Cornelius a Lapide, an outstanding Jesuit from the 17th century whose acquaintance with the Patristic approach is widened by the outlook and theological insight of the Scholastic scholars. The second part deals with a variety of subjects after examining the pericope under consideration and situating it in the context of John's Gospel. Detailed analysis of some special themes are dealt with such as, 1) the meaning of the expressions "to eat the flesh" and "to drink the blood" of our Lord, 2) the basic distinction of the Eucharist as a "confraternity meal" or a "ritual meal", 3) the relationship between the Eucharist and the washing of the feet, 4) the formula of the ratification of the divine covenant pronounced over the chalice of wine. In conclusion reference is made to the daily memorial of the Lord's covenant from which the faithful derive their Christian identity.

Comer da Carne... Beber do Sangue

O sentido da Eucaristia em João

*Ney Brasil Pereira**

* O Autor é Mestre em Ciências Bíblicas e Professor no ITESC.



Já tive a oportunidade, nesta revista, de focalizar o texto de João 6,51-58, no qual o evangelista nos apresenta Jesus insistindo na necessidade salvífica de “comer da sua carne” e “beber do seu sangue”¹. Foi no ano 2000, o Ano Santo do Grande Jubileu, um de cujos temas especiais foi a Eucaristia. Agora estamos novamente num “Ano Eucarístico”, proclamado pelo papa João Paulo II, de feliz memória, de outubro de 2004 a outubro deste ano. Além disso, aqui em Florianópolis, estamos preparando-nos para o 15º Congresso Eucarístico Nacional, a realizar-se entre nós nos dias 18 a 21 de maio do próximo ano. Será útil, portanto, voltar ao assunto.

No artigo mencionado, fiz a exegese da citada secção eucarística do “discurso do Pão da vida”, procurando aprofundar o sentido exatamente das expressões acima. Analisei o texto e contexto da perícopa joanina e apresentei os textos eucarísticos dos sinóticos e da primeira carta aos coríntios, além de aduzir os mais importantes testemunhos da Eucaristia nos primeiros séculos cristãos. Na conclusão, focalizei a dimensão “encarnacional” do texto joanino, que fundamenta a dimensão sacramental, irrenunciável, da Eucaristia.

Entretanto, mesmo correndo o risco de alguma inevitável repetição, parece-me que vale a pena retornar ao assunto. Por quê? É porque jamais esgotaremos o sentido do mistério deste gesto divino do Senhor que nós, presbíteros, repetimos diariamente, em nossas pequenas ou grandes comunidades, *anunciando a sua morte até que Ele venha* (cf 1Cor 11,26). Qual é, afinal, o pleno significado do significante eucarístico²? Como preservar a força do significante sem coisificá-lo, empobrecendo o significado? Por outro lado, como ressaltar o significado, sem empobrecer o significante? Em outras palavras. A Igreja, ao longo dos séculos, tem cercado a Eucaristia de carinho e cuidado, de normas litúrgicas³, de

- 1 PEREIRA, Ney Brasil. A Eucaristia segundo João (Jo 6,51-58), in *Encontros Teológicos*, Florianópolis, n. 28 (2000/2), pp. 47-64.
- 2 Veja, a propósito, o lúcido e franco artigo de DO PRADO, José Luiz Gonzaga. A Eucaristia no IV Evangelho: significante e significado, in *Vida Pastoral*. São Paulo: Paulus, mai.-jun., 2001, pp. 19-22. A título de amostra, leia as “duas pequenas perguntas” que concluem o artigo: “1) Será que, fazendo do Cristo eucarístico um Senhor triunfante, não estaremos fazendo o mesmo que Simão Pedro (*Tu não me lavarás os pés nunca!*), que não admite um Cristo humilhado e servidor, por receio de precisar *ter parte com Ele?* 2) Os que se preparam para o ministério presbiteral: estarão tão ansiosos pela oportunidade de colocarem-se a serviço do povo, ajoelhar-se a seus pés sujos a fim de lavá-los, como anseiam pelo momento de presidir com poder uma Celebração Eucarística?”
- 3 Sirva de exemplo a Instrução da Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, *Redemptionis Sacramentum*, “Sobre algumas coisas que se devem observar ou evitar acerca da Santíssima Eucaristia”, de 2004.



práticas devocionais e também procissões triunfais. Até que ponto essas normas e práticas preservaram o significante, sem obscurecer o significado? Enfim, o que significa, para nós, *comer da carne, beber do sangue*, do Filho do Homem, para ter a Vida?

Sem refazer todo o percurso feito no artigo anterior, vou apresentar a minha contribuição em dois passos: 1) oferecendo uma síntese da exegese de Jo 6,51-58 elaborada por Cornélio A Lápide, notável jesuíta da primeira metade do século XVII, como uma primeira contribuição para o aprofundamento do tema; 2) retrabalhando a perícopes joanina, de modo a fazer perceber o específico da teologia eucarística do quarto evangelho.

1. O comentário de Cornélio A. Lápide

Antes de tudo, explico o motivo por que me dei ao esforço de traduzir e sintetizar, do latim, um comentário longo, de certo modo ultrapassado, e marcado pela controvérsia com os reformados. O motivo maior é a admiração que desperta o monumento de erudição representado por esse trabalho do jesuíta e exegeta holandês, que procura, com as contribuições da Patrística, referendar os detalhes da sua teologia escolástica⁴. Como quer que seja, é um notável testemunho, ainda válido. Vejamos, portanto, o que ele nos diz sobre toda a perícopes que nos interessa diretamente, a dos vv. 51-58⁵, nos quais encontramos a teologia eucarística de João.

No v. 51 Jesus se apresenta como “*pão vivo*” e vivificante, diz o comentarista, ao contrário do maná, que era inanimado e morto. Como “*pão vivo*”, Jesus traz-nos à alma a vida da graça, que nos conduzirá à glória, e ao corpo a certeza da ressurreição. De que maneira, e com que condição? Se dele “comermos”, como está dito no v. 51, mas não apenas de modo espiritual, como querem os hereges⁶. De fato, se bastasse a

4 A Lápide é um típico representante da teologia eucarística pós-tridentina, tão bem caracterizada por GIRAUDO, Cesare, no capítulo I da sua obra *Num só Corpo. Tratado mistagógico sobre a Eucaristia*. São Paulo: Loyola, 2003 (trad.). Nesse capítulo, o autor contrapõe a teologia eucarística do II milênio, “uma teologia estudada na escola”, à teologia eucarística do I milênio, “uma teologia rezada na Igreja”.

5 A LAPIDE, Cornelius. *Commentaria in Quatuor Evangelia*, Editio novissima, anterioribus auctior, Venetiis 1740 (ed. original em Anvers/Antuérpia, 1643), Comment. in Jo 6,51-58. A biblioteca do ITESC dispõe da coleção completa do Comentário, de toda a Bíblia, em 12 grossos volumes in fôlio, de 35,5 x 22,5 cm.

6 A LÁPIDE cita nesta altura (p. 681) CALVINO, entre os que defendem que aqui não se trata de receber o corpo de Cristo na Eucaristia mas só de recebê-lo espiritualmente pela fé. A propósito, li recentemente um artigo que procura mostrar os pontos de convergência,



manducação espiritual, ele não obscureceria esse entendimento logo a seguir, com as metáforas da manducação da carne e da bebida do sangue, que iriam escandalizar e afastar a tantos! Além disso, na manducação espiritual, feita pela fé, não se distingue comida de bebida, nem sangue, de carne: essa distinção, expressa pelas palavras do Senhor, só se verifica na ação sacramental. Além disso, se aqui João não visasse a Eucaristia, então tê-la-ia omitido no seu evangelho, o que é inconcebível supor no Discípulo amado.

Aliás, esta é a interpretação constante da Tradição, desde os primeiros Pais e Concílios, sem excetuar Agostinho. É verdade que este, no aceso da controvérsia com os donatistas, insistiu na interpretação simbólica e mística desta passagem, sem negar porém sua interpretação literal, mais evidente e óbvia. É nesse sentido que, para Agostinho, comer da carne de Cristo equivalia a estar unido ao seu Corpo, que é a Igreja, e participar do seu Espírito. De resto, esta comunhão dos que crêem é a finalidade e o fruto da Eucaristia, a qual, sem esse fruto, não teria sentido. Completando o pensamento de Agostinho, o comentarista cita Bernardo⁷: “O que é comer da sua carne e beber do seu sangue, senão ter parte nos sofrimentos do Senhor e imitar o seu estilo de vida? De fato, quando aquela forma de pão entra em nós, saibamos que é Ele quem entra, para habitar pela fé em nossos corações”.

A quem objetasse que, assim como nos versículos 27 e 29 e, depois, no v. 63, onde se trata da manducação espiritual pela fé, também aqui as palavras de Cristo deveriam ser entendidas não corporal e sacramentalmente, o comentarista responde que é preciso seguir a linha de todo o discurso. Da multiplicação dos pães o Senhor vai passando para o maná e, depois, para a manducação espiritual, até chegar à “meta e escopo” de todo o capítulo: a manducação real do seu corpo na Eucaristia. De forma semelhante, no diálogo com a Samaritana, o Senhor a elevava, da bebida corporal da água, à sede e bebida espiritual. Essa didática era necessária, para bem se entender a Eucaristia: pois sem a manducação espiritual pela fé, de nada adiantaria a manducação real e corporal do sacramento.

mais que as divergências, entre a posição católica, de Tomás de Aquino, a protestante, de Lutero, e a reformada, de Calvino. É o artigo do anglicano HUNSINGER, George. *The Bread that we break: toward a Chalcedonian resolution of the Eucharistic controversies*, in *The Princeton Seminary Bulletin*, 2003, n. 2, pp. 241-258.

7 Op. cit., p. 682, letra B, São BERNARDO, Sermão III in *Psalmum 90*.



Mesmo assim, essa manducação real foi visada pelo Senhor, que não se corrigiu ao ser contraditado pelos seus ouvintes. Ele poderia ter explicado que estava falando figuradamente, e que comer da sua carne era simplesmente crer na sua encarnação e paixão. Se não o fez, é porque realmente quis propor-nos a manducação real e sacramental de sua carne na Eucaristia. Nesta altura, uma citação de Teofilacto⁸: “O Senhor não diz que o pão que Ele dará é *figura* da sua carne, mas é a sua própria carne. Aquele pão se transforma, pela mística bênção e pela vinda do Espírito Santo, na carne do Senhor, mas sem deixar de parecer pão, para que não repugnemos de comê-la.”

Ainda **no v. 51**, o Senhor, algum tempo ainda antes da Paixão, emprega o verbo “dar” no futuro, aludindo ao pão que ele “dará” na última Ceia, na iminência do seu sacrifício *pela vida do mundo*. Este pão é a sua carne, que na Cruz ele havia de entregar para que o mundo revivesse, e na Eucaristia se tornaria alimento para que essa vida pudesse crescer e chegar à perfeição. Darei a minha carne para ser torturada na Cruz, diz ele, como o trigo no moinho⁹, para que dela se faça o pão da Eucaristia, frutuoso e vital. Mas não só na Cruz ele se ofereceu por nós. Na Eucaristia, como vítima incruenta, ele continua a oferecer-se.

No v. 52, o evangelista nos refere os questionamentos dos que ouviam o Senhor: *Como este homem pode nos dar a sua carne a comer?* Esta pergunta, segundo Crisóstomo, é fruto da incredulidade, que justamente multiplica os questionamentos sobre o “como”, quando resiste a crer naquilo que Deus afirma. No entanto, como lembra Agostinho, Deus pode fazer mais coisas do que o homem possa entender. E Cirilo: “Em tão sublimes assuntos, nunca pensemos ou profiramos aquele “como”. Pois é uma palavra “judaica”, causa da condenação extrema. Quando Deus age, portanto, não investiguemos o “como”, mas concedamos que só a Ele pertence o conhecimento e o modo do seu agir”¹⁰.

Comentando a seguir as palavras do Senhor sobre a necessidade salvífica da Eucaristia (**v. 53**), o comentarista discute longamente se esse preceito atinja também as crianças. E conclui que, embora em alguns lugares, em tempos remotos, se tenha dado a Eucaristia às crianças, a Igreja pouco a pouco chegou à conclusão de que elas, antes do uso da razão, são incapazes de recebê-lo reverentemente. E cita a decisão

8 Ibid., letra F, sem indicação de fonte. Teofilacto, da Igreja Oriental, falecido em 1118.

9 Ibid., letra G.

10 Op. cit., p. 683, letra B.



respectiva do concílio de Trento, na sessão 21, cânon 4. Outros, como Cipriano e Inocêncio I¹¹, são da opinião de que também as crianças misticamente “comem da carne de Cristo” quando, pelo batismo, são incorporadas ao seu Corpo Místico. Mas isto, diz o comentarista, é “remoto e simbólico, não literal e genuíno”.

Quanto à posição dos “utraquistas”, como Huss, Lutero, Calvino e outros, que defendem que também os leigos devem participar do cálice, o comentarista contrapõe o “uso e a definição da Igreja”, que é “a melhor intérprete da Escritura”. E argumenta: como no pão consagrado está o corpo, “por concomitância” aí está também o sangue; e vice-versa, no vinho consagrado está o sangue como também o corpo, os quais estão unidos no corpo glorioso do Senhor. Mais. Nas coisas espirituais, não se pode distinguir comida de bebida, nem comer, de beber, embora, quanto ao sacramento, se diga propriamente que come “da carne” de Cristo quem a recebe sob a espécie de pão, e bebe “do sangue” de Cristo quem o recebe sob a espécie de vinho¹². De resto, é sabida a complementação natural que existe entre “comer e beber”, “carne e sangue”, “ouro e prata”, “pai e mãe” etc. Por isso, ao reclamarem os ouvintes do Senhor sobre o “como” da manducação de sua carne, ele responde que é preciso “comer da carne” e “beber do sangue”, indicando que uma coisa supõe a outra. Mais. Há mandamentos que são expressos de modo geral, mas não obrigam individualmente a todos, como lembra Agostinho¹³, o qual dá como exemplo o *crescei e multiplicai-vos*, de Gn 1,28. Assim também aqui, o “comer e beber” obriga pelo menos a alguns, os presbíteros, aos quais compete consagrar o sacramento: eles, sim, inclusive para representarem visivelmente a paixão do Senhor, na qual o sangue foi separado do corpo, consagram e recebem, separadamente, o pão e o vinho. Essa, de fato, era a praxe no princípio da Igreja, como se evidencia pela 1Cor 11,28. Crescendo, porém, o número dos fiéis, pelo perigo da irreverência e de outros abusos, adotou-se o costume que “até hoje”¹⁴ vigora.

Mas como entender a necessidade absoluta da Eucaristia, *para que tenhamos a vida* em nós (v. 53)? O comentarista explica que a Eucaristia mantém e fomenta a vida da graça, recebida no batismo. E cita

11 Ibid., letra D.

12 Ibid., letra F.

13 Ibid., letra H. Aqui, o comentarista cita a fonte: *De Doctrina Christiana*, Livro III, cap. 17.

14 Em nosso tempo, com a reforma litúrgica do Vaticano II, o cálice voltou a ser oferecido, na medida do possível, aos leigos e leigas.



Basílio: Quem pelo batismo foi regenerado, deve a seguir alimentar-se pela participação nos divinos mistérios¹⁵. Também Dionísio Cartusiano¹⁶: Como o corpo não se sustenta sem o alimento corporal, assim também a alma, sem este alimento vivificante, não permanece na vida espiritual da graça. Em seguida, para ilustrar os efeitos salutares da Eucaristia, o comentarista elenca vários casos extraordinários, entre os quais o narrado por Gregório Nazianzeno, referente ao restabelecimento completo de seu pai gravemente enfermo, graças à comunhão recebida no dia da Páscoa. O mesmo santo descreve em seus escritos outras curas, como a de sua mãe e de uma irmã, também atribuídas à comunhão eucarística. Igualmente Ambrósio, o santo bispo de Milão, refere que seu irmão Sátiro salvou-se, num naufrágio, graças à Eucaristia que ele trazia suspensa ao pescoço. Algo semelhante conta-se de outros que, ao embarcarem, levavam consigo a Eucaristia para comungarem nalgum perigo ou, mesmo, para afastarem os perigos¹⁷. Cirilo de Alexandria assim resume os efeitos da Eucaristia: ela afasta não só a morte, mas também todas as doenças, reintegra os feridos e, como o Bom Pastor, levanta-nos após a queda.

A “*vida eterna*”, que o Senhor promete (v. 53), identifica-se com Ele mesmo, que se dá a nós no sacramento. Essa vida é, aqui, a vida da graça, que prosseguirá, em virtude do sacramento, até à vida da glória. E isto porque, ainda segundo Cirilo, a carne de Cristo é a carne de Deus, a qual, unida substancialmente ao Verbo, tornou-se vivificante. Quanto ao “comer da carne” e “beber do sangue”, Bernardo os equipara a fazer memória da morte do Senhor e, a seu exemplo, mortificar os próprios membros: é isto que nos alcança, pelo sacramento, a vida eterna.

Quanto à *ressurreição no último dia* (v. 54), assim o comentarista parafraseia o Senhor: “Eu, que sou realmente contido na Eucaristia, ressuscitarei aquele que de mim comer. E assim como conferirei glória à sua alma, conferi-la-ei igualmente a seu corpo”, pois a alma gloriosa exige que também o corpo seja glorioso, para que o homem todo seja feliz. A seguir, depois de lembrar a expressão de Inácio Antioqueno, que chama a Eucaristia de “remédio da imortalidade”¹⁸, e a do concílio de Nicéia, que a chama de “símbolo da ressurreição”, ele cita ainda Gregório Nisseno: “O nosso corpo não poderá conseguir a imortalidade, se não

15 Op. cit., p. 684, letra B, onde está citada a fonte: *De Baptismate*, Livro I.

16 Entre os vários Dionísios, este é já do final da Idade Média, falecido em 1471.

17 Op. cit., p. 684, letras C e D.

18 Op. cit., p. 684, letra G. A citação é da carta de INÁCIO de Antioquia aos Efésios, 20,2.



estiver unido ao corpo imortal de Cristo”. Também Ireneu de Lião é citado, na passagem em que o discípulo de Policarpo argumenta que o contacto do nosso corpo com a carne e o sangue imortais de Cristo nos garantem a nossa própria ressurreição¹⁹. A Eucaristia, portanto, conclui o comentarista, é “causa instrumental”: por meio e por causa dela, Cristo nos ressuscitará.

“*Verdadeira comida, verdadeira bebida*” (v. 55): não, portanto, parabólica ou figurada apenas, mas real. Nessa linha expressava-se Crisóstomo, dirigindo-se ao seu povo: Na Eucaristia, unimo-nos à carne de Cristo não apenas pelo amor e o consentimento da vontade, mas real e substancialmente, a ponto de nos tornarmos um com Ele, como o corpo que adere à cabeça. Portanto, se tal é a nossa união com Cristo, “saíamos daquela mesa como leões espirrando fogo, tornados terríveis ao próprio diabo” (!)²⁰.

Quanto à mútua imanência, do Senhor em nós e de nós nele (cf v. 56), o comentarista lembra que João gosta muito do verbo “permanecer”, empregando-o com várias acepções, tanto no evangelho como na primeira carta. Esta permanência e união é semelhante à do alimento que entra em nosso estômago e se faz um conosco. Ou, como lembra Cirilo de Alexandria²¹, é semelhante à cera derretida que se derrama sobre cera derretida, fundindo-se em uma as duas porções: da mesma forma, quem recebe a carne e o sangue do Senhor, de tal modo se une a Ele, que com Ele se torna um. Na mesma linha de pensamento, Cirilo de Jerusalém²² assevera que nós, pela sagrada comunhão, nos tornamos “cristíferos”, e mesmo “concorpóreos e consangüíneos” de Cristo, Ele permanecendo em nós e nós nele. Mesmo cessando a realidade física das espécies sacramentais digeridas, continua o efeito da presença sacramental do Senhor, à semelhança do efeito dos alimentos e remédios que tomamos. É esta mútua imanência que nos levará a nos tornarmos, cada vez mais, “a mesma coisa que Ele é”, como lembra Gregório de Nissa.

A seguir, o comentarista propõe uma “seqüência” do que acontece na comunhão. Primeiro, a carne e o sangue de Cristo, isto é, o Cristo inteiro, sua humanidade e divindade, entram em nosso estômago, como alimento. Dissolvidas as espécies de pão e vinho, cessa a presença da

19 Ibid., letra H. A citação é do “Contra as Heresias”, Livro IV, cap. 34.

20 Op. cit., p. 685, letra A. A citação é da Homilia 61.

21 Ibid., letra C. A citação é do Livro IV, cap. 34.

22 Ibid., letra D. A citação é da *Catequese Mistagógica* 4.



carne e do sangue do Senhor, mas permanece a sua divindade, como comida imortal. A divindade do Senhor comunica à alma, e nela fomenta, a vida sobrenatural, e ao corpo, no último dia, a ressurreição. E embora a nossa carne deva sofrer a morte, como sofreu-a a carne de Cristo, contudo este alimento da Eucaristia, que é Cristo enquanto Deus, permanecendo no homem, levantá-lo-á da morte para a vida eterna²³.

Comparando a Eucaristia com o alimento comum, o autor nota que, enquanto este é assimilado por quem o ingere, na Eucaristia a carne de Cristo não se converte na substância do comungante, mas permanece incorrupta e imutável, porque imortal e gloriosa. Aí acontece o que Agostinho ouviu o Senhor dizer-lhe: “Não és tu que me mudarás em ti, mas tu te mudarás em mim”²⁴. Além disso, enquanto o alimento comum é inânime, e recebe a vida de quem o ingere, a Eucaristia é viva, e dá a vida a quem a recebe. Por último, enquanto o alimento comum desaparece no processo digestivo, a carne de Cristo, cessando sua presença ao serem digeridas as espécies sagradas, deixa após si a hipóstase divina do Filho de Deus, pela qual Ele permanece no comungante e o ressuscita. A propósito, assim escreve Ambrósio: “Tu, que recebes a sua carne, nesse alimento participas da sua divindade”²⁵.

No v. 57, o Senhor se refere ao Pai como “fonte de vida”, que transmite a vida ao Filho, para que este a transmita aos que dele comerem. No seu comentário, o autor observa que, como a vida que o Filho recebe é a mesma do Pai, Ele também se torna “fonte de vida”. Por isso, enviado pelo Pai à carne, e nela permanecendo, o Senhor continuamente instila essa vida divina à carne por Ele assumida, e a nós que o recebemos na Eucaristia Ele a infunde de maneira semelhante. Com uma condição, porém, como observa Agostinho²⁶: “Mude a vida, aquele que deseja receber vida. Pois se não mudar, receberá a vida não para a salvação, mas para o julgamento”. A propósito, o comentarista cita casos de comungantes indignos que foram mortalmente punidos, e justifica: “Deviam ser punidos de morte os que estavam abusando da Eucaristia, que é a vida verdadeira”. Ainda quanto à vida divina que o Filho nos transmite, Cirilo de Alexandria assim parafraseia a frase do Senhor: “Quem me receber, comendo da minha carne, viverá por causa de mim. Eu posso vivificá-lo, pois procedo

23 Ibid., letra H.

24 Op. cit., p. 686, letra A. O comentarista aqui não cita a fonte, mas a frase encontra-se nas *Confissões*, Livro VII, 10.

25 Ibid., letra B.

26 Ibid., letra D e E. A citação é do *Sermo I de Tempore*.



da vida do Pai.” O mesmo doutor acrescenta a comparação do ferro em brasa: como o fogo transmite seu calor ao ferro, assim também o Cristo vivente nos transmite, pela Eucaristia, a sua vida. Outra comparação, esta do comentarista, sobre a vida da glória que desabrocha da vida da graça proveniente da Eucaristia: é semelhante ao vigor seminal que se esconde no grão de trigo aparentemente morto no inverno, e que na primavera germina ao calor do sol²⁷.

Comentando o v. 58, no qual o Senhor contrapõe o efeito efêmero do maná ao do pão que verdadeiramente desceu do céu, que é Ele mesmo, o autor cita Ambrósio: “Como poderá morrer aquele cujo alimento é a própria vida? Aproximai-vos, pois, e fartai-vos, porque é pão; aproximai-vos e bebei, porque é fonte; aproximai-vos e deixai-vos iluminar, porque é luz; aproximai-vos e libertai-vos, porque *onde está o Espírito do Senhor, aí está a liberdade*; aproximai-vos e sereis absolvidos, porque é a remissão dos pecados”²⁸. E Bernardo: “Se algum de vós não sente mais tantas vezes, nem de modo tão intenso, os impulsos da ira, da inveja, da luxúria e de coisas semelhantes, agradeça ao corpo e sangue do Senhor, pois é a força do Sacramento que está agindo em vós”²⁹. Também Cirilo de Alexandria: “O corpo de Cristo vivifica, e conduz à incorrupção os que dele participam. Pois não é o de um outro qualquer, mas é o corpo da própria Vida, que retém a força do Verbo Encarnado e está repleto do seu poder”³⁰. É por isso, conclui o comentarista, que vive para sempre quem recebe o Senhor na Eucaristia. Pois come do próprio Deus e da divindade, a qual continua sempre presente e ativa em quem a recebe, transmitindo-lhe continuamente a sua própria vida³¹.

Quanto à reação dos ouvintes, que acharam “duras” as palavras do Senhor (v. 60), “difíceis de crer, e horríveis de praticar”, o comentarista observa que elas eram “duras” não em si, mas aos ouvintes “crassos e duros”, que não se abriam ao seu sentido verdadeiro. Pois o que Cristo queria era que comêssemos sua carne sacramentalmente, isto é, sob as aparências de pão e vinho, o que nada tem de horrendo, mas, pelo contrário, é uma suavidade que experimentam todos os que dia por dia sacrificam e comungam. Deviam, portanto, aqueles ouvintes ter humildemente pedido

27 Ibid., letra H.

28 Op. cit., p. 687, letra A. A citação é do Sermão 18 in *Psalmum 118*.

29 Ibid., letra A. A citação é do Sermão *De Cena Domini*.

30 Ibid., letra B. A citação é do Livro III, cap. 37.

31 Ibid., letra A.



uma explicação: se o tivessem feito, teriam ouvido, entendido, e não teriam achado “duro” o que dissera o Senhor³².

No v. 63, depois de tanto haver insistido na necessidade de “comer da sua carne”, o Senhor afirma que *a carne não serve para nada*. Estas palavras, diz o autor, se prestam aos calvinistas para argumentar que na Eucaristia não se encontra real e corporalmente a carne de Cristo, mas só espiritualmente, pela representação e pela fé. Se fosse assim, isto é, se a carne literalmente não servisse para nada, em vão o Verbo se teria tornado carne, em vão a carne de Cristo teria sofrido a paixão, em vão Ele teria morrido na cruz³³. No entanto, como explica Ruperto de Deutz³⁴, parafraseando as palavras do Senhor: “Se minha carne, por si mesma, não serve para salvar aquele que dela comer, no entanto serve o Espírito, isto é, a divindade unida à carne. Nesse sentido, sim, minha carne serve muito, enquanto unida ao espírito do Verbo, dele haurindo a força de vivificar. De modo semelhante, aliás, não é o olho que vê, não é o ouvido que ouve, não é o corpo que sente, mas sim o espírito, a alma, que vê pelo olho, ouve pelo ouvido, sente pelo corpo. Em outras palavras, o que vos vivifica na Eucaristia é a minha divindade, que é puro espírito, não simplesmente a minha carne”. Da mesma forma, Agostinho: “A carne, por si mesma, de nada adianta. Mas una-se o espírito à carne, e adianta muito. Pois se a carne de nada servisse, o Verbo não se teria tornado carne”³⁵. E ainda, Cirilo de Alexandria: “A carne, sozinha, não pode absolutamente vivificar, pois precisa de quem a vivifique. No entanto, unida ao Verbo vivificante, ela se tornou toda vivífica. Pois ela não traiu para a sua natureza corruptível o Verbo de Deus, mas foi por ele elevada. Portanto, embora a natureza da carne, enquanto carne, não possa vivificar, contudo ela agora o pode fazer, porque recebeu toda a potência do Verbo”. Novamente Agostinho: “Não é este corpo que vedes, que haveis de comer, nem haveis de beber o sangue que vão derramar os que me crucificarem. Apresentei-vos um sacramento: entendido espiritualmente, ele vos vivificará. E embora seja necessário celebrá-lo visivelmente, é preciso porém entendê-lo de modo invisível”³⁶.

32 Ibid., letra D.

33 Nesta altura (Ibid., letra G), o comentarista ironiza, num exemplo típico das controvérsias da época: “Quem não vê que a carne de Cristo vale mais que o simples pão de Calvino, mesmo se, pela sua gula, preparado com mel e açúcar? Nesse pão, de fato, não há nada de espírito, mas só o erro e o furor de Satanás!”

34 Ibid., letra G. RUPERTO de Deutz, abade perto de Köln, contemporâneo de Bernardo, faleceu em 1135. Não está citada a fonte.

35 Ibid., letra H. A citação é do Livro X *De Civitate Dei*, cap. 24.

36 Op. cit., p. 688, letra B. A citação é do comentário de AGOSTINHO ao SI 98.



Ainda quanto ao **v. 63**, em relação às palavras do Senhor, que são “*espírito e vida*”, o comentarista explica: “São espírito, isto é, devem ser entendidas espiritualmente, ou seja, sacramentalmente, não materialmente. E dessa maneira se tornam vida, tornam-se vitais, e transmitem vida aos que ouvem e comem de mim”. Nesse sentido reflete Beda, o Venerável³⁷, parafraseando as palavras do Senhor: “A força vivificadora que tem a minha carne, comida na Eucaristia, não provém tanto da carne quanto do espírito do Verbo, que é vivo e vivificante. Conseqüentemente, essa manducação da minha carne não se faz de modo carnal, mas de modo espiritual, oculta e sacramentalmente. E conclui o comentarista: Assim, este modo espiritual, ou seja, sacramental, de comer a carne de Cristo, recebendo as espécies de pão e vinho, sob as quais está de fato latente o corpo e sangue de Cristo ao mesmo tempo que sua divindade, não causa nenhum horror ao que come nem também de modo algum lesiona a carne do Senhor. Pois aqui está Cristo, invisível e indivisível à semelhança dos anjos”.

Até aqui, a contribuição de Cornélio A Lápide.

2. O específico da perícopos eucarística de João

2.1 O texto de Jo 6, 51-58

É sabido como João retrabalha a tradição sinótica. Os exemplos multiplicam-se, a começar do chamado dos primeiros discípulos, na Judéia, em vez de na Galiléia; ou a purificação do Templo, colocada no início, em vez de no fim da vida pública; ou a rejeição da aproximação com Maria (Jo 2,4), que nos sinóticos não é resolvida (p. ex. Mc 3,31-35), mas em João se esclarece ao pé da Cruz (Jo 19,25-27); ou a confissão de Pedro, situada não em Cesaréia de Filipe mas em Cafarnaum; ou o *Bom Pastor* em Lucas e Mateus (Lc 15,3-7; Mt 18,12-13), que em João é o Pastor valente, único digno desse nome (Jo 10,11-18)... Assim também a Eucaristia, que nos sinóticos reduz-se ao gesto da última Ceia, mas em João é completada pela cena do Lava-pés (Jo 13,1-17) e desdobrada na sua promessa e no seu significado (Jo 6,51-58).

Esta última perícopos, que em João supõe o relato da Instituição, situa-se no mais longo capítulo do seu evangelho, um capítulo todo dedicado a aprofundar o significado da multiplicação dos pães. A narração

³⁷ Ibid., letra C.



do fato como tal encontra-se também nos sinóticos, até duas vezes em Marcos e em Mateus, mas João é o único que dele procura tirar conseqüências. É verdade que Marcos tem uma referência enigmática a esse significado profundo, quando apresenta Jesus censurando a *dureza de coração* dos discípulos, por *não terem compreendido nada a respeito dos pães* (Mc 6,52), e tornando a censurá-los com mais veemência ainda por seu coração continuar *endurecido*, mesmo depois da segunda multiplicação (Mc 8,17-21).

Qual é o procedimento de João? Podemos estruturar em três partes³⁸ o seu capítulo 6:

1ª parte: o sinal:

- a) o sinal dos pães multiplicados (6,1-15)
- b) o sinal da travessia do mar (6,16-21)

2ª parte: o discurso:

- a) o discurso sapiencial/cristológico (6,35-50), com a sua introdução (6,22-34)
- b) o discurso eucarístico (6,51-58)

3ª parte: a reação ao discurso:

- a) abandono de “muitos” (6,60-66)
- b) proclamação da fé de Pedro (6,67-71)

Na segunda parte, que é a mais longa e densa, e central no capítulo, encontramos quatro “passagens de nível”, em relação ao sentido do pão³⁹. Assim, ao reencontrar a multidão em Cafarnaum, depois da travessia do lago, Jesus os questiona: *Vós me procurais, não porque vistes sinais, mas porque comestes dos pães e ficastes saciados. Trabalhai, não pelo alimento que perece, mas pelo que permanece...* (6,26-27) Jesus alerta, portanto, para um “pão diferente” e convida a subir, a passar para um nível superior, o do alimento *que permanece*, diferente do alimento *que perece*. É a primeira “passagem de nível”: um discurso já sapiencial, a partir do v. 27, que remete à passagem de nível já proposta por Moisés a seu povo no deserto, segundo o Deuteronômio: *Não só de pão vive o ser humano, mas de toda palavra que procede da boca de Deus* (Dt 8,3). A

38 Cf. a mesma estrutura em PEREIRA, Ney Brasil. Art. cit. p. 49.

39 Como já observei no artigo anterior, essas quatro “passagens de nível” encontram-se expostas didaticamente por KONINGS, Johan, no seu primeiro Comentário a João, *Encontro com o Quarto Evangelho*, Petrópolis: Vozes, 1975 (ed. esgotada), pp. 39-41.



segunda passagem de nível, encontramos-la no v. 35, quando o discurso sapiencial se torna explicitamente cristológico. Nessa altura, o próprio Jesus se apresenta como esse “pão diferente”: *Eu sou o Pão da Vida. Quem vem a mim, nunca mais terá fome...* Mas temos nova passagem de nível no v. 51b, que introduz o sentido encarnacional e eucarístico: esse pão diferente, que é Jesus, é a sua própria “carne”, e carne “entregue”, sacrificada, imolada: *O pão que eu darei é a minha carne, entregue pela vida do mundo*. Por fim, uma última passagem de nível, no v. 53, um nível que podemos chamar de ritual ou sacramental: é preciso *comer da carne, beber do sangue*, do Filho do Homem: *Em verdade, em verdade eu vos digo, se não comerdes da carne, e não beberdes do sangue do Filho do Homem, não tereis a vida em vós*.

Aí está, nesses versículos 51 e 53, o essencial do tema que desejamos aprofundar. É a grande novidade, ou, como advertem Mateos/Barreto⁴⁰, “a última explicação da multiplicação dos pães”. E continuam: “O ponto central encontra-se na afirmação, repetida de várias formas, do dom que Jesus faz de si mesmo. Ele não veio dar ‘coisas’, e sim dar-se a si mesmo à humanidade. Por isso, o pão que estava dando continha sua própria entrega, era o *signal* que a expressava. E essa entrega é exigência para o discípulo: deve considerar-se a si mesmo como ‘pão’ que se deve repartir, e deve repartir o seu pão como se fosse ele mesmo quem se reparte. Deve renunciar a possuir-se. Somente quem não temer perder-se, esse encontrará sua vida (cf Jo 12,25), a qual se recebe somente à medida que se dá, possuindo-se à medida que se entrega. Fazer com que a própria vida seja ‘alimento disponível’ para os outros, como a de Jesus, repetindo o seu gesto com a força do seu Espírito que é a força do seu amor, tal é a lei da nova comunidade humana. Ela se expressa na Eucaristia, que renova o gesto de Jesus. Na Eucaristia se faz a experiência do seu amor no amor dos irmãos, e manifesta-se o compromisso de entregar-se aos outros como ele se entregou.” A propósito, ajuda recordar aqui outra claríssima afirmação de João, na sua primeira carta: *Nisto conhecemos o Amor: Ele deu a vida por nós. Por isso, também nós devemos dar a nossa vida pelos irmãos* (1Jo 3,16). E concluem os autores citados: “A nova sociedade não se produzirá por intervenção milagrosa de Deus. O amor de Deus manifestou-se em Jesus-homem e continuará manifestando-se por meio dos homens, com seu esforço e sua dedicação.”⁴¹

40 MATEOS, Juan; BARRETO, Juan. *O Evangelho de São João. Análise lingüística e comentário exegético*. Col. Grande Comentário Bíblico, São Paulo: Paulinas (Paulus), 1989 (trad.), p. 722.

41 Id., *ibid.* É interessante comparar a densidade existencial desta passagem dos dois comentaristas espanhóis contemporâneos com a amostra, acima, da exegese do



2.2 Comer da carne... beber do sangue

Não é preciso insistir no inusitado destas expressões de Jesus, que escandalizaram seus ouvintes e continuam a causar-nos estranheza. Como observei em meu artigo citado⁴², a secção sapiencial do discurso (vv. 35-50) insiste na necessidade de *crer* em Jesus, enquanto a secção eucarística (vv. 51-58) acentua a necessidade de *comer a sua carne e beber o seu sangue*. A propósito, Santo Agostinho resume em duas palavras a correspondência e a mútua integração das duas secções do discurso: *Crede, et manducasti* (“Crê, e comeste!”). Isto é, a manducação, evidentemente necessária, de nada aproveitaria se não fosse feita na fé.⁴³ E no entanto, é preciso *comer*. É preciso, evidentemente na fé, submeter-se ao rito *carnal, encarnacional, sacramental*, da Eucaristia. Por quê?

A resposta básica está dada no prólogo do evangelho joanino, na afirmação ousada de Jo 1,14: *O Verbo, o Logos, se fez carne*, assumiu a condição humana para valer, e nessa mesma condição quis entregar-se à morte por nós. E é essa *carne* imolada, com todo o seu significado de entrega e doação⁴⁴ que Ele nos oferece em alimento: *O pão que eu eu darei é a minha carne, para a vida do mundo* (6,51b). Entretanto, insistindo em que, *se não comermos a carne e não bebermos o sangue do Filho do Homem, não teremos a vida* (6,53), Jesus “agride violentamente a mentalidade do Antigo Testamento”, como observa Alonso Schökel, na sua “Bíblia do Peregrino”⁴⁵. De fato, *comer a carne* de alguém significava hostilidade destrutiva, segundo as palavras de Isaías a respeito da guerra civil entre Efraim e Manassés (Is 9,19), ou do salmista, ao

comentarista holandês do século XVII. Lembro-me que, ao sair a edição original de Mateos/Barreto, em 1979, o grande comentarista americano de João, Raymond BROWN, publicou uma recensão bastante crítica a eles: cf “Bíblica” (revista do Pontifício Instituto Bíblico) 63 (1982), 2, pp. 290-294. Na sua opinião, eles fazem o texto dizer o que não diz. De minha parte, quanto mais os leio, mais me convenço de que eles, melhor do que uma refinada exegese histórico-crítica, ajudam a perceber o profundo sentido existencial de João.

42 PEREIRA, Ney Brasil. A Eucaristia segundo João (Jo 6,51-58), in *Encontros Teológicos*, Florianópolis, n. 28 (2000/2), p. 52.

43 Quem cita Agostinho (*Homilias sobre João*, 26,1) é BRUCE, F.F. *João, Introdução e Comentário*, Série Cultura Bíblica, Ed. Mundo Cristão, 1987 (trad.), p. 143.

44 Confira, a propósito, o teor da 2ª e 3ª estrofes do Hino do 15º Congresso Eucarístico Nacional, a ser realizado em maio (18 a 21) de 2006, em Florianópolis: “Ele, o Filho, a Palavra, se fez carne / e assumiu nossa humana condição: / nossa vida viveu e nossas lutas /e, agora, entre nós, se dá no Pão! *Tomai todos, comei*, isto é meu Corpo, / é meu Sangue, *tomai, todos bebei!* / Como eu fiz, aprendei, o Amor se entrega: / *vossa vida entregai, se o Pão comeis!*”

45 ALONSO SCHÖKEL, Luís. *Bíblia do Peregrino*. São Paulo: Paulus, 2002 (trad.).



referir-se aos adversários que avançam contra ele para “devorar-lhe a carne” (Sl 27,2). Da mesma forma, *comer a carne* é o canibalismo desesperado de pais contra filhos na ameaça de Jeremias contra Jerusalém (Jr 19,9). Mais, ser *comida a carne e bebido o sangue* é o final macabro dos exércitos de Gog, segundo Ezequiel (Ez 39,17). Por outro lado, *consumir o sangue*, sede da vida, era severamente proibido desde a aliança com Noé (Gn 9,4), proibição reafirmada no Levítico e no Deuteronômio (cf Lv 3,17; 7,26; 17,10-14; 19,26 e Dt 12,16.23-25; 15,23). Por outro lado, “*carne e sangue*” indicam às vezes a totalidade do ser humano (cf Mt 16,17; 1Cor 15,50; Gl 1,16) e, separados, implicam morte violenta, além de permitirem o simbolismo do comer e beber. Por isso, não é de estranhar, conclui Schökel, que o ensinamento de Jesus tenha “escandalizado aqueles que caem no conhecido equívoco de entender materialmente as palavras”, palavras que são *espírito e vida* (6,63). O problema, portanto, está em como entender as palavras de Jesus “no espírito”, sem retirar-lhes nada da sua concretude encarnacional. Ou seja, “*comer e beber*” não são atos puramente mentais, mas a Eucaristia é *verdadeira comida e bebida* (6,55) que se recebe no realismo sensível do sacramento – naturalmente, com a conseqüente doação da vida de quem assim se alimenta – como sempre o entendeu a Igreja desde seus primórdios⁴⁶.

2.3 Ceia fraterna e/ou Ceia ritual?

Diante das palavras eucarísticas do Senhor, quer em João quer na primeira carta aos coríntios e nos sinóticos, surge da parte de alguns a questão sobre a maneira melhor de *comer da carne e beber do sangue*, celebrando a sua memória. O ritual eucarístico não se teria formalizado demais? Ou, segundo outros, com a reforma litúrgica, não se teria dessacralizado?⁴⁷

Paulo situa as palavras da Instituição *na noite em que Ele ia ser entregue* (1Cor 11,23), e Lucas precisa que foi *no dia dos pães sem fermento, quando se devia sacrificar o cordeiro pascal* (Lc 22,7)⁴⁸. Ainda

46 Cf a terceira parte do meu citado artigo (pp. 57-60): “Testemunhos da Eucaristia nos primeiros séculos”.

47 Cf interessante síntese do problema num artigo de RATZINGER, Joseph, no livro *La Eucaristia, centro de la vida. Dios está cerca de nosotros*. Valencia, España: Edicep, 2003 (trad.), pp. 62-63. O livro é constituído de artigos do então Cardeal, hoje papa Bento XVI, escritos entre 1977 e 1995.

48 É sabido como, para João, a última Ceia se dá em contexto pascal, mas na véspera do dia em que se imolava o cordeiro. Para ele, o verdadeiro Cordeiro pascal é Jesus, do qual,



segundo Lucas, o Senhor *desejou ardentemente celebrar aquela Ceia pascal* com seus discípulos (Lc 22,18). Foi, portanto, uma ceia ritual, o Séder judaico, não uma ceia comum, como p. ex. a ceia na casa de Levi/ Mateus (Lc 5,29), ou a ceia na casa do fariseu Simão (Lc 7,36), ou outras ceias ou banquetes de que Jesus participou e que lhe valeram, da parte dos fariseus, os epítetos depreciativos de *glutão e bebedor de vinho* (Lc 7,34).

Falando de ceias e refeições, a Bíblia está repleta de referências, mas não é caso de elencá-las todas aqui. Algumas são refeições mais íntimas, familiares, como a que Abraão ofereceu aos três misteriosos peregrinos em Mambré (Gn 18,1-8), ou a que Ragüel ofereceu a Tobias e Sara, celebrando suas núpcias (Tb 7,9-14). Caráter de intimidade e personalismo tem a refeição preparada para o salmista: *Preparas uma mesa para mim, diante do inimigo; unges com óleo minha cabeça, e meu cálice transborda* (Sl 23,5). Intimidade, também, na fracção do pão em Emaús (Lc 24,28-31), ou na refeição matinal que o Ressuscitado oferece aos Sete, à beira do lago (Jo 21,9-13) e, mais ainda, na refeição que Ele, na carta à Igreja em Laodicéia, partilha com quem que lhe abriu a porta: *Eu cearei com ele, e ele comigo* (Ap 3,20).

A cena do banquete, com finos manjares, vinho, música, alegre convivência, sempre acendeu a imaginação humana como símbolo de felicidade. É por isso que uma das mais belas utopias de Isaías assim é expressa: *O Senhor dos exércitos oferecerá nesta montanha, para todos os povos, um banquete de carnes gordas, de vinhos finos, de carnes suculentas e vinhos depurados* (Is 25,6). Da mesma forma, nos evangelhos, as parábolas do banquete ocupam lugar relevante na pregação de Jesus (Mt 22,1-14 e Lc 14,16-24), a tal ponto que seus ouvintes chegavam a exclamar: *Feliz daquele que puder sentar-se à mesa no reino de Deus* (Lc 14,15). Não é de estranhar, por isso, que a história da humanidade redimida se encaminhe para o grande banquete final, ao qual se refere uma das bem-aventuranças do Apocalipse: *Felizes, os convidados para o banquete das núpcias do Cordeiro!* (Ap 19,9)

Por isso mesmo, impressiona-nos o convite para o banquete da Sabedoria, a qual, para nós, *construiu sua casa, talhando sete colunas, abateu suas reses, misturou o vinho e preparou a mesa: Vinde comer do meu pão, e beber do vinho que preparei para vós!* (Pr 9,1.5). Outra

segundo as prescrições do ritual, *nenhum osso foi quebrado* (cf Jo 19,36, aludindo a Ex 12,46).



forma do mesmo convite, no Segundo Isaías: “Ah, todos vós que tendes sede, vinde às águas. Vós, que não tendes dinheiro, vinde, comprai e comei; comprai sem dinheiro, e sem pagar, vinho e leite... Ouvi-me com atenção e comei do que é bom, e eu vos deleitarei com manjares revigorantes!” (Is 55,1-2). Com metáfora diferente, no livro do Eclesiástico, é ainda a Sabedoria quem se nos oferece, como *videira frutífera*: “Vinde a mim, todos os que me desejais, e fartai-vos dos meus frutos... Os que de mim comem terão ainda fome, os que bebem de mim tornarão a ter sede” (Eclo 24,19.21-22). A propósito, são inegáveis os ecos desses últimos textos no quarto evangelho, no qual, dirigindo-se à samaritana, o Senhor lhe promete a *água viva, da qual, quem beber, nunca mais terá sede* (Jo 4,14). Da mesma forma, em Cafarnaum, aos alimentados com o pão multiplicado, Ele se apresenta como o *pão da vida: Quem vem a mim, nunca mais terá fome, e quem crê em mim nunca mais terá sede* (Jo 6,35).

Mas é tempo de voltar ao questionamento do início do parágrafo: que tipo de banquete é a Eucaristia? É uma “ceia fraterna” ou, e também, ou sobretudo, uma “ceia ritual”? Para a resposta adequada, é necessário não perder de vista o teor e as circunstâncias das palavras da Instituição. Foi uma ceia de despedida, *na noite em que Ele ia ser entregue* (1Cor 11,23); uma ceia pascal, evocadora do Êxodo; uma ceia, segundo João, precedida do lava-pés; uma ceia marcada pela entrega do corpo a ser sacrificado e do sangue a ser derramado; aqueles dois gestos, enfim, a seu pedido, destinados a serem repetidos pelos seus, *em sua memória* (1Cor 11,24)... E isto, *anunciando a sua morte, a morte do Senhor, até que Ele venha* (1Cor 11,26)⁴⁹. No entanto, como oportunamente observa Légasse⁵⁰, é preciso não confundir o anúncio da *morte do Senhor*, com o equivocado anúncio do “Senhor morto”, pois a Eucaristia proclama – e proclamará *até que Ele venha* – a morte redentora do *Vivente, daquele que foi morto mas está vivo para sempre* (Ap 1,18).

49 A quem perguntasse por que privilegiar Paulo como fonte, o motivo é a anterioridade histórica da 1ª carta aos coríntios, que os exegetas datam, normalmente, entre os anos de 54 (BJ) e 56 (TEB), isto é, menos de 30 anos após os fatos, enquanto a redação dos sinóticos e, mais ainda, a de João, é posterior.

50 Citado por MAZZAROLLO, Isidoro, no seu livro *A Eucaristia como memorial da Nova Aliança*, Porto Alegre: Ed. EST, 1994, p. 100, no capítulo intitulado “A Anámnêsis como comer e beber” (pp. 92-102). O pensamento de LÉGASSE, Simon, encontra-se no livro de VV.AA. *A Eucaristia na Bíblia*, da col. Cad. Bíblicos, n. 35, São Paulo: Paulinas (Paulus), 1985 (trad.), p. 66.



Sem esquecer, portanto, a imprescindível característica ritual, ou seja, vertical, cristológica, da Eucaristia, contudo não podemos secundarizar a sua dimensão fraterna, horizontal, antropológica. Aquela carne imolada, aquele sangue derramado, são *a carne e o sangue de Quem deu a vida por nós*, e que deseja portanto que os que dele se alimentam se doem, entreguem a própria vida (cf 1Jo 3,16) pelos irmãos e irmãs, especialmente os pobres. Nesse sentido, subscrevo a afirmação pertinente de Mazzarollo⁵¹: “Enquanto houver pobres que se envergonham ou que são envergonhados por não terem nada para trazer ao se apresentarem nas assembleias, a Eucaristia não será a celebração do memorial do Senhor. Enquanto os pobres não participarem, as nossas assembleias serão como as de Corinto, e conseqüentemente não poderão ser elogiadas” (cf 1Cor 11,17) . Isso, porém, não pode ser razão para um “inegável mal-estar celebrativo” em relação à Eucaristia⁵². Antes, deverá ser desafio e estímulo para que nossas celebrações correspondam de fato, cada vez melhor, à intenção do Senhor.

2.4 Eucaristia e/ou Lava-pés?

A liturgia romana une os dois “sacramentos” na celebração vespertina da quinta-feira santa. Por que será que João os separou? Por que será que ele, o evangelista que mais aprofunda o significado da Eucaristia (6,51-58), omitiu o relato da sua instituição, narrando em seu lugar o lava-pés? Respondendo, cito Brown⁵³: “A substituição dificilmente é acidental, mesmo que o propósito de João não esteja totalmente claro. O lava-pés tem semelhanças com a Eucaristia: é realizado ‘durante a refeição’, é ação simbólica da auto-doação de Jesus pela morte, há o mandamento de repetir a ação... Mas o lava-pés mostra mais claramente do que a Eucaristia a lição do serviço humilde⁵⁴ que o cristão deve prestar. Por ser tão sagrada, a Eucaristia tem acarretado muitas divisões na história

51 Id., *ibid.*, p. 100.

52 Assim começa seu precioso livro GIRAUDO, Cesare, *Num só corpo. Tratado mistagógico sobre a Eucaristia*. São Paulo: Loyola, 2003 (trad.), p. 1.

53 BROWN, Raymond, *As Igrejas dos Apóstolos*. São Paulo: Paulinas (Paulus), 1986 (trad.), pp. 111-112.

54 Idêntica lição aparece em Lucas sob a forma de admoestação, da parte do Senhor, aos discípulos que, em plena Ceia, discutiam sobre *quem deles seria o maior* (Lc 22,24). Com palavras que de certo modo correspondem à lição do lava-pés, assim Ele se exprime: *Afinal, quem é o maior: o que está à mesa ou o que está servindo? Não é aquele que está à mesa? No entanto, eu estou no meio de vós como aquele que serve* (Lc 22,27).



cristã: quase todos os seus aspectos têm sido discutidos. Teriam porventura os cristãos debatido entre si com o mesmo ardor o lava-pés? Muitos cristãos pretendem o privilégio de presidir a Eucaristia. Quantos deles pretendiam o ‘privilégio’ de lavar os pés sujos de outra pessoa?”

Vejamos, porém, um pouco melhor os pontos de contacto entre uma ação e outra. Em Cafarnaum, Jesus escandalizou os ouvintes ao afirmar que era preciso comer de sua *carne imolada* e beber do *sangue derramado do Filho do Homem*⁵⁵, isto é, era preciso, *para ter a vida*, aceitar que Ele, dando a sua carne a comer e seu sangue a beber, fosse o Messias padecente de Is 53, e não o Messias triunfante de Is 11... Os ouvintes, inclusive *muitos discípulos* (6,60), o abandonaram. Restaram os Doze, dos quais Pedro, na ocasião, se fez o porta-voz: *Nós cremos... que és o Santo de Deus* (Jo 6,69).

Agora, no lava-pés, na última Ceia, é Pedro quem se escandaliza com o gesto de Jesus: *Senhor, tu me lavas os pés? Tu não me lavarás os pés nunca!* (cf 13,6-8) Jesus, porém, insiste: *Agora não entendes, mais tarde compreenderás. Se eu não te lavar, não terás parte comigo!* (cf 13,7-9). Aqui está o sentido “soteriológico” do lava-pés, mais difícil de captar que o seu sentido “ético”⁵⁶. O sentido ético flui do exemplo de Jesus: assim como Ele lavou os pés dos discípulos, assim também nós devemos “lavar os pés” dos nossos irmãos e irmãs, especialmente dos pobres. E isto, “rebaixando-nos” à semelhança dele, o “Mestre e Senhor”. Pois é só assim que seremos *felizes*: isto é, *se o entendermos e o pusermos em prática* (cf 13,17)⁵⁷. Mas onde se encontra o sentido “soteriológico”, que Pedro não estava entendendo e não queria aceitar? Estava no despojamento de Jesus – que significativamente *se despoja do manto* (13,4) – no “esvaziamento” da sua condição divina⁵⁸ até à morte violenta na Cruz, simbolizada pela sua carne imolada e seu sangue derramado e insinuada, agora, no rebaixamento do Mestre que lava os pés do discípulo. É assim, rebaixando-se e esvaziando-se, que Ele quer salvar-nos. E é esse rebaixamento que Pedro não quer admitir.

55 “Filho do Homem” é o Messias apocalíptico de Daniel (Dn 7,13-14), cujo título Jesus assume mas de maneira paradoxal: é o título que sempre aparece nas predições da Paixão, tanto nos sinóticos como em João, e dele Jesus diz que veio *para servir, não para ser servido* (Mc 10,45), ao passo que na visão de Daniel *os povos, nações e línguas não de servir-lhe*.

56 É a terminologia proposta por KONINGS, Johan, em seu primeiro comentário de João, já citado: *Encontro com o Quarto Evangelho*. Petrópolis: Vozes, 1975 (ed. esgotada), pp. 60-61.



Por último, mais um ponto de contacto entre uma ação e outra. Ritualmente, ambas são fáceis de fazer. Nós, presbíteros, repetimos tantas vezes o gesto de Jesus, num ritual que, normalmente, incluindo a liturgia da Palavra, não chega a uma hora. Em nossas assembléias eucarísticas, a maioria dos presentes se aproxima para receber o Corpo do Senhor. Com relativa naturalidade, pronunciamos as palavras da Instituição e comemos da sua Carne e bebemos do seu Sangue... Com que consciência e com que consequência o fazemos? De forma semelhante, anualmente realizamos o rito do lava-pés. Às vezes, com jovens vestidos de apóstolos, às vezes com pessoas do povo. Não é difícil fazer o gesto, lavar os pés dos figurantes e até beijá-los, tendo o cuidado de logo depois, com sabonete, higienizar as mãos e a boca. Novamente: com que consciência e com que consequência o fazemos? A resposta, nos lábios do Senhor: *Felizes de vós se, entendendo-o, o puserdes em prática* (13,17).

Concluindo. Mais que uma disjunção – Eucaristia *ou* Lava-pés – importa a conjunção: comer da carne imolada e beber do sangue derramado, sim, mas sem esquecer de, ao mesmo tempo, despojar-nos do manto e rebaixar-nos para lavar os pés sujos, machucados, dos *mais pequenos* (cf Mt 25,40) entre os irmãos e irmãs do Senhor.

2.5 O sangue da Aliança

Uma das fórmulas mais concentradas do Novo Testamento é a que encontramos nas palavras pronunciadas pelo Senhor sobre o cálice. A fórmula oficial dessas palavras, no cânon da liturgia romana, faz uma síntese dos elementos que se encontram dispersos nos três sinóticos e na primeira carta aos coríntios, não em João⁵⁹. Assim reza o texto litúrgico oficial: “*Este é o cálice do meu sangue, / o sangue da nova e eterna aliança, / que é derramado por vós e por todos, / para o perdão dos pecados.*” Vejamos agora, porém, como cada evangelista redigiu essas palavras, apresentando o texto em quatro colunas, a partir do testemunho de Paulo, que é o mais antigo em ordem cronológica:

57 É a “bem-aventurança da prática” (expressão, parece-me, de Carlos MESTERS), bem-aventurança dos que *entendem e praticam*, a qual completa, no quarto evangelho, a “bem-aventurança da fé”, dos que *crêem sem ter visto* (20,29).

58 Cf Fl 2,6-8.

59 João evidentemente focaliza o *sangue*, e por quatro vezes, na sua perícopes eucarística (6,53.54.55.56), mas não o põe em relação com a Aliança. Na sua primeira carta, fala do sangue de Jesus que *nos purifica* (1Jo 1,7); e, no Apocalipse, fala do sangue que *nos redime* (Ap 1,5 e 5,9), e no qual os eleitos *alvejaram as suas vestes* (Ap 7,14).



1Cor 11,25b	Lc 22,20b	Mc 14,24	Mt 26,28
Este cálice é a nova Aliança em meu sangue	Este cálice é a nova Aliança em meu sangue que é derramado em favor de vós	Isto é o meu sangue da Aliança que é derramado em favor de muitos	Isto é o meu sangue da Aliança que é derramado em favor de muitos para remissão dos pecados

Numa primeira leitura, saltam aos olhos, como em todas as questões sinóticas, as semelhanças e as diferenças. Nota-se logo que a fórmula de Mateus é a mais carregada, ou seja, mais completa – e por isso mesmo a preferida como base para o texto litúrgico – sendo mais sintética a fórmula de Paulo. Lucas explicita a fórmula de Paulo, acrescentando que o sangue é derramado *por vós*. Ambos falam do *cálice*, que é, ou contém, a *nova Aliança, no sangue do Senhor*. Mateus, como é seu costume, retoma a fórmula de Marcos, mas a amplia: *o sangue, derramado em favor de muitos* (do hebr. *rabbîm*, os muitos, a multidão), *é para remissão dos pecados*. A “remissão dos pecados” é preocupação de Mateus, que a vê como missão típica daquele que é chamado *Jesus*, “porque vai salvar o seu povo *dos seus pecados*” (Mt 1,21).

Paulo e Lucas falam da *nova Aliança*, evidentemente aludindo à grande promessa de Jr 31,31-34. Afirmam, porém, que esta *nova Aliança* se realiza *no sangue* do Senhor, elemento sacrificial que não consta no texto de Jeremias, embora se encontre na celebração da primeira Aliança no Sinai. De fato, a primeira Aliança é ratificada com o compromisso do povo, que se dispõe a *fazer tudo o que o Senhor falou*, e com a aspersão, sobre os presentes, do sangue dos animais imolados, enquanto Moisés proclama: *Este é o sangue da Aliança que o Senhor fez convosco* (Ex 24,7-8).

Quanto à *nova Aliança*, o texto de Jeremias também não inclui a mediação do Messias, mas os primeiros cristãos, certos de viver, graças a Jesus, em plena era messiânica, não tiveram dificuldade em atribuir a Ele o papel de *mediador da nova Aliança*, como o afirma o autor da carta aos hebreus (Hb 8,6: 9,15: 12,24)⁶⁰. De resto, a expressão *sangue*

60 Assim, LÉGASSE, Simon, no livro já citado, de VV.AA., *A Eucaristia na Bíblia*, col. Cad. Bíblicos, n. 35. São Paulo: Paulinas (Paulus), p. 45.



da Aliança retoma um texto do dêutero Zacarias (Zc 9,11), enquanto os “muitos”, favorecidos pelo sangue derramado, evocam o quarto canto do Servo Sofredor, o qual havia de *justificar a muitos, carregando sobre si as suas transgressões* (Is 53,11)⁶¹.

Em qualquer das formas do texto apresentadas pelos evangelistas, e mais ainda na sua síntese, ressalta a densidade daquele momento vivido por Jesus. Chegada a hora de *passar deste mundo ao Pai* (cf Jo 13,1), Ele tem consciência do que vai fazer e do que vai sofrer. É livremente que ele assume a sua Paixão, como o afirmara algum tempo antes: *Ninguém tira de mim a minha vida. Eu a dou livremente* (Jo 10,18). E é nessa hora que Ele, além do Pão, o seu *Corpo entregue*, apresenta o cálice com o *Sangue da Aliança, que vai ser derramado por muitos para o perdão dos pecados*. Felizes de nós, felizes dos que presidem e, também, dos que participam da Eucaristia, se tomarmos cada vez mais consciência da gravidade e grandeza dessas palavras. *Felizes, se as entendermos e as praticarmos* (cf Jo 13,17).

Conclusão

Como conclusão deste artigo, em que procurei aprofundar o sentido da necessidade de *comer da carne e beber do sangue do Senhor*, em obediência às suas palavras, gostaria de servir-me de uma breve mas significativa passagem do último livro de João Paulo II. Intitulado “Memória e Identidade”. Nele, o falecido Papa insiste na relação entre o cultivo da memória, e a reafirmação e preservação da identidade. E, a propósito da Eucaristia, assim escreve: “Cristo conhecia esta lei da memória e invocou-a no momento-chave da sua missão, ao dizer, na última Ceia: *Fazei isto em memória de Mim* (Lc 22,19). A memória evoca recordações. Assim, a Igreja é em certo sentido a ‘memória viva’ de Cristo: do mistério de Jesus, da sua paixão, morte e ressurreição, do seu Corpo e Sangue. E esta memória realiza-se por meio da Eucaristia. Em consequência, os cristãos, celebrando a Eucaristia, isto é, fazendo ‘memória’ do seu Mestre e Senhor, descobrem incessantemente a própria identidade”⁶². Não é belo? Mais adiante, continua o Papa: “A memória

61 Cf. o mesmo texto na tradução de ALONSO SCHÖKEL, Luís. *Bíblia do Peregrino: Meu Servo inocente reabilitará a todos, porque carregou seus crimes*.

62 JOÃO PAULO II. *Memória e Identidade. Colóquios na transição do Milênio*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005 (trad.), pp. 162-163.



desta identidade fundamental, com que Cristo dotou a sua Igreja, tem-se demonstrado mais forte do que todas as divisões introduzidas pelos homens nesta herança. Ao início do terceiro milênio, os cristãos, apesar de divididos, estão cientes de que à essência mais profunda da Igreja pertence a unidade, não a divisão. Para torná-los conscientes disso, estão aí antes de mais nada as palavras da instituição da Eucaristia (cf Lc 22,19). São palavras unívocas, que não admitem divisões nem separações”⁶³.

É, portanto, da preservação da *memória do Senhor*, na Eucaristia, que depende a nossa identidade católica, cristã. A Igreja vive dessa memória, *vive da Eucaristia* ⁶⁴. E viverá tanto mais plenamente quanto mais conscientemente⁶⁵ *comer da carne e beber do sangue* do Filho do Homem (Jo 6,53). Pois é só assim que teremos a Vida. Nós e, por consequência, todos os nossos irmãos e irmãs, também os excluídos, chamados também eles a participar do Banquete.

Endereço do Autor:

ITESC – cx postal 5041
88040-970 Florianópolis, SC
email: ney.brasil@itesc.org.br

63 Id., *ibid.*, p. 167.

64 Pensamento inicial da última encíclica de JOÃO PAULO II, *Ecclesia de Eucharistia*, 2003.

65 Conscientemente, porque só perfazer o rito seria reduzir a Eucaristia a mera carne, ou “carne sem espírito”, como o próprio Senhor nos adverte (Jo 6,63). Seria recebê-la sem o compromisso do amor que se doa, e então não seria verdadeira Eucaristia (cf MATEOS/BARRETO, *op. cit.*, p. 327).